



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Gabinete do Vereador Deodato Ramalho – PT

REQUERIMENTO N°

2044

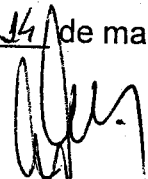
EXMO. SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Propõe **moção de congratulações** ao jornal O POVO pela entrevista com o jornalista Mino Carta, italiano que se fez brasileiro e que se notabilizou como um grande nome da imprensa na luta pela democracia.

O vereador Deodato Ramalho, no uso de suas atribuições e na forma regimental, vem, à presença de Vossa Excelência com reciprocidade de respeito, propor, nos termos regimentais, e após ouvido o Plenário, **moção de congratulações voto de congratulações** ao jornal O POVO pela entrevista com o jornalista Mino Carta, italiano que se fez brasileiro e que se notabilizou como um grande nome da imprensa na luta pela democracia.

A entrevista foi publicada no jornal O POVO de 13.05.2013 e traz um pouco da história do jornalista Mino Carta, que marcou época na imprensa brasileira, tendo sido um dos mais combativos lutadores contra a ditadura, destacando-se, ainda hoje, como um produtivo pensador da política nacional e defensor da democratização dos meios de comunicação.

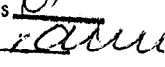
DEPARTAMENTO LEGISLATIVO, 14 de maio de 2013.


DEODATO RAMALHO

Líder da bancada do PT

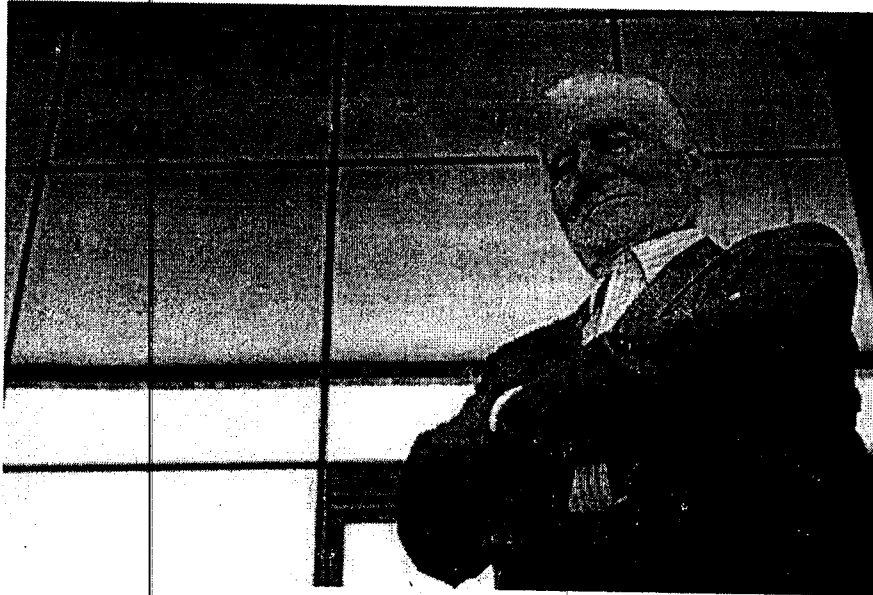
DEPTO. LEGISLATIVO
RECEBIDO

14 MAIO 2013

9.00 h N° de fls. 01
Servidor 

Produção literária

"O que realmente mudou minha visão do jornalismo foi a ditadura, com a censura"



No total, já são cinco livros de autoria do escritor Mino Carta. O primeiro deles, "Histórias da Mooca, Com as Bênçãos de San Gennaro", é de 1982. Depois, na sequência, vieram "O Restaurante Fasano e a Cozinha de Luciano Boseggia", de 1996, "O Castelo de Âmbar", de 2000, "A Sombra do Silêncio", de 2003, e, agora em 2013, "O Brasil". Como estilo, nos romances, mistura ficção e realidade sem grande esforço para esconder a possível inspiração de muitos dos seus personagens.

Perfil

Demetrio Giuliano Gianni Carta nasceu na cidade italiana de Gênova, em 6 de setembro de 1933, filho de Gianino Carta, jornalista e professor de História da Arte, e de Clara Carta, escritora. Vestia calças curtas quando, em 1946, chegou a São Paulo com os pais. Chegou a cursar Direito da Universidade de São Paulo (USP), mas não concluiu o curso. Dirigiu as equipes de criação da Quatro Rodas (1960), Jornal da Tarde (1966), Veja (1968) e CartaCapital (1994). Foi, ainda, diretor de redação das revistas Senhor (1982), IstoÉ/Senhor (1988) e IstoÉ (1989). O único jornal que ajudou a fundar e não prosperou foi o Jornal da República (1979). É autor dos livros "O Castelo de Âmbar" (2000), "A Sombra do Silêncio" (2003), "Histórias da Mooca, Com as Bênçãos de San Gennaro" (1982), "O Restaurante Fasano e a Cozinha de Luciano Boseggia", em parceria com Rogério Fasano (1996) e "O Brasil" (2013). Ganhou dois Prêmios Esso de Jornalismo, em 1964 e 1968. Dedicou-se também à pintura, desde 1954.

Cerca de 150 pessoas foram ao lançamento do novo livro de Mino Carta em Fortaleza, em abril, no auditório do Centro Cultural Dragão do Mar.

Uma demonstração, para ele, de que o boicote da grande mídia à obra não tem sido suficiente para evitar seu sucesso. A apresentação de "O Brasil" foi feita pelo ex-governador e ex-ministro Ciro Gomes.

O livro "O Brasil" é definido como uma autoficção (mistura de autobiografia com ficção). Nele, o personagem Abukir, alterego de Mino, repassa três décadas da história nacional, da morte de Getúlio Vargas ao fim da ditadura militar. Faz-se uma crítica ao País e ao jornalismo brasileiro, especialmente a partir de sua relação com o poder político.

História de um rompimento

A editora Abril tinha contraído dívidas no exterior e queria consolidá-las no Brasil através de um empréstimo de 50 milhões de dólares (junto à Caixa Econômica Federal). Eu estava muito por dentro da situação porque não somente era diretor de Redação da revista Veja, mas, também, integrava o Conselho Diretor da editora, composto pelo presidente, Victor Civita, pelos dois filhos dele, pelo sócio-minoritário, que se chamava Gordiano Rossi, e pelo genro deste, que funcionava como editor-responsável da editora. O Carlos Rischbieter (presidente da CEF na época) aprovou o pedido, mesmo porque a Abril oferecia garantias que ele considerava tecnicamente perfeitas.

O negócio marchou por várias mesas até chegar à do Armando Falcão, então ministro da Justiça. O partisse desta crise se deu em julho de 1975, quando o Falcão comunicou que o empréstimo não sairia porque a editora Abril produzia uma revista que era inimiga do regime. Tudo isso era discutido abertamente no Conselho e eu fiz a seguinte proposta: seu Victor, eu saio da direção da revista, fico nos bastidores por uns três meses para garantir uma transferência interna de poderes e, por exemplo, a editora me nomeia diretor das sucursais europeias e vou morar em Roma, que tal? Ele, ficou de pensar, conversar com os filhos etc e, uma semana depois, disse que 'não'. Disse que tudo bem, mas enquanto estivesse lá faria a coisa funcionar da mesma maneira.

Depois, veio o imbecil do filho dele, uma das mais refinadas bestas que conheci na minha vida, o Roberto Civita, e perguntou: 'por que você não tira férias?' Ele sugeriu meio ano, mas recusei, lembrando que tinha férias vencidas, três meses etc e tal. Mas, perguntei: saio três meses e vocês vão fazer o quê enquanto eu estiver fora? Vão se esbaldar em porcarias? 'Não',

disseram eles, 'vamos assinar um protocolo'. O tal protocolo estabelecia, basicamente, que os redatores-chefes, que eram dois, me substituiriam em gênero, número e grau. Outro ponto do protocolo, previa que ninguém seria demitido por razões políticas. Ninguém, nem colaboradores, nem, claro, funcionários. Muito bem, sai no dia 27 de dezembro para um período de três meses de férias, o protocolo foi assinado com validade até 1º de abril. Fui à Europa e, de volta no finzinho de janeiro, o Victor Civita me acha e pede que vá visitá-lo. Fui e ele me disse que o Roberto tinha estado no dia anterior com o Falcão e eu tinha que mandar embora o Plínio Marcos. Disse que não iria mandar embora ninguém, porque existia o protocolo. Ele disse que até o Tratado de Versailles tinha sido jogado no lixo e tal. Respondi que da minha parte não rasgaria nem o Tratado de Versailles e nem o protocolo. Ele insistiu mais e eu peguei um cinzeiro e atirei no peito dele. E fui embora.

Houve antes um encontro com o Roberto Civita que me disse que o Falcão havia pedido minha cabeça. Eu disse: pois é, eu sei, mas, e daí? O que é que você diz? Ele disse 'não sei, o que é que eu posso dizer?' Falei, então, estávamos conversando na minha casa, que iria contar até três e se você estiver ainda diante de mim te quebro os dentes. Ele levantou e saiu correndo para dentro do elevador.

Fui ao Falcão, que me disse: 'Mino, você está nervoso, o que é isso? Tenho uma fazenda em Quixeramobim, com redes entre as árvores frondosas, bate uma brisa ótima, água de coco, vai lá!' Fiquei até de ir em outra oportunidade, mas perguntei como é que tinha sido a história da Veja. Ele falou que era muito simples: Vem aqui o Roberto Civita, o Victor Civita, o diretor responsável, um tal de Edgar, e dizem que você é o culpado. O próprio diretor da Redação em Brasília, o Pompeu de Souza, diz que você é o culpado, então, o que é que me cabe fazer? Pedir sua cabeça, não é não? Então, disse que tinha entendido tudo, passar bem, maravilha, até logo... Sai dali e pedi aos redatores-chefes que entregassem minha carta de demissão.